

# PRÁTICA PEDAGÓGICA HÍBRIDA NO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA POR SARS-COV-2: ANÁLISE CRÍTICA DA LITERATURA

BRUNNO SANTOS DE FREITAS SILVA<sup>1</sup>  
CRISTIANE MARTINS RODRIGUES BERNARDES<sup>2</sup>  
DIANA RIBEIRO E SILVA<sup>3</sup>  
DIOGO RODRIGUES CRUVINEL<sup>4</sup>  
JULIANE GUIMARÃES DE CARVALHO<sup>5</sup>  
LUCIANA CARVALHO BOGGIAN<sup>6</sup>  
LUCIANO CARDOSO ANTUNES<sup>7</sup>  
MOEMA SOUZA<sup>8</sup>  
RUBERVAL FERREIRA DE MORAIS JÚNIOR<sup>9</sup>  
ORLANDO AGUIRRE GUEDES<sup>10</sup>  
CARLOS ESTRELA<sup>11</sup>

## RESUMO

O distanciamento social e a quarentena impactaram diretamente na vida de toda a comunidade acadêmica, isso em decorrência da necessidade do afastamento presencial de docentes e discentes. Instituições de ensino superior (IES) estão com suas atividades presenciais suspensas, tendo em vista que o ambiente universitário é um ambiente propício para o contato, e conseqüentemente, disseminação da doença. autoridades governamentais, gestores de IES públicas e privadas, docentes e discentes têm procurado por metodologias alternativas de ensino. O ensino híbrido vem sendo amplamente empregado no desenvolvimento de modelos institucionais tidos como “mistos” ou “integrativos” auxiliando na ampliação e disseminação da oferta de cursos universitários. Embora esta modalidade também faça o uso de um ambiente *on-line* para o desenvolvimento das ações curriculares, ela se diferencia do ensino a distância (EAD). A adoção do conceito remoto permitiu prosseguir com o ano letivo, a partir da oferta de cursos, que até então eram ofertados exclusivamente pelo sistema presencial, combinando dessa forma, o melhor do presencial com as facilidades do virtual. No entanto, existem desvantagens, que variam desde a necessidade de uma infraestrutura especializada, até o nível de preparo dos professores para o planejamento e desenvolvimento das ações. Em momentos como atual, torna-se necessário repensarmos a educação e todos os seus processos. O presente estudo teve como objetivo avaliar, por meio de uma revisão crítica da literatura, a prática pedagógica híbrida desenvolvida no ensino superior brasileiro em época de pandemia do coronavírus. A educação híbrida surgiu com o propósito do docente empregar na sua prática pedagógica o uso das várias ferramentas, oportunizando uma visibilidade ao protagonismo do aluno, que vive virtualmente conectado. A educação após a pandemia, deverá estar permeada por estudos que buscarão uma melhor compreensão dessa nova perspectiva. Cabe ainda destacar que após a pandemia haverá um maior hibridismo da educação presencial com o ensino remoto, pois cada vez mais os professores estarão preparados para o distanciamento, tendo a possibilidade factível de novas doenças coletivas futuras. O sucesso na implementação de uma prática pedagógica híbrida no ensino superior é dependente de um trabalho coletivo que envolve a participação de gestores, docentes e discentes. Além disso, esse processo deve ser dinâmico, compreender as dimensões pedagógicas, políticas, administrativas e financeiras envolvidas e não deve ser resumido apenas na inserção de recursos tecnológicos e de infraestrutura de ensino.

## PALAVRAS-CHAVE

Ensino superior. Inovações. Prática Pedagógica Híbrida. COVID-19.

<sup>1</sup>Doutor. Curso de Odontologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. E-mail: brunno.silva@unievangolica.edu.br

<sup>2</sup>Doutora. Curso de Odontologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. E-mail: cristiane.bernardes@unievangolica.edu.br

<sup>3</sup>Especialista. Curso de Odontologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. E-mail: dianaodonto1@gmail.com

<sup>4</sup>Doutor. Curso de Odontologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. E-mail: drcruvinel.usp@gmail.com

<sup>5</sup>Doutora. Curso de Odontologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. E-mail: juliane.carvalho@unievangolica.edu.br

<sup>6</sup>Mestre. Curso de Odontologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. E-mail: lucianaboggian@hotmail.com

<sup>7</sup>Especialista. Curso de Odontologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. E-mail: lucianoantun@gmail.com 8Mestre.

Curso de Odontologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. E-mail: moema\_sza@hotmail.com

<sup>9</sup>Mestre. Curso de Odontologia do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. E-mail: ruberval.junior@gmail.com

<sup>10</sup>Doutor. Universidade Federal de Goiás – UFG. estrela3@terra.com.br

## INTRODUÇÃO

Temos acompanhado perplexos, a busca global por respostas à maior crise sanitária já vivida pelo homem. Pesquisas demonstraram as várias formas de contaminação do vírus SARS-Cov-2, vírus responsável pela doença COVID-19, que apresenta amplo espectro clínico, variando de infecções assintomáticas a quadros graves (CHEN *et al.*, 2020). e elevados índices de transmissão e letalidade (ZHU *et al.*, 2020). Atualmente, o uso de máscara, a constante limpeza das mãos e objetos de uso pessoal, o distanciamento social e a quarentena representam alternativas viáveis, funcionais e operacionais para o controle da disseminação do vírus, indiferente ao gênero, idade e classe social (ZHU *et al.*, 2020; CHEN *et al.*, 2020).

O distanciamento social e a quarentena impactaram diretamente na vida de toda a comunidade acadêmica, isso em decorrência da necessidade do afastamento presencial de docentes e discentes (BEZERRA, 2020). Instituições de ensino superior (IES) estão com suas atividades presenciais suspensas, tendo em vista que o ambiente universitário é um ambiente propício para o contato, e conseqüentemente, disseminação da doença (GUSSO *et al.*, 2020). No entanto, autoridades governamentais, gestores de IES públicas e privadas, docentes e discentes têm buscado alternativas para que os prejuízos no processo de ensino-aprendizagem sejam minimizados (SCORSOLINI-COMIN *et al.*, 2020). É de consenso de todos, que o processo de formação não deve ser interrompido (SILVA *et al.*, 2020). Nesse sentido, se faz necessária a busca por metodologias alternativas de ensino (WIEBUSCH E LIMA, 2018; BEZERRA, 2020).

A integração entre os ensinoss presencial e virtual, também conhecida por *blended learning* ou ensino híbrido, tem se consolidado, ao longo dos anos, como a principal tendência no ensino superior (SILVA *et al.*, 2017). Esta vem sendo amplamente empregada no desenvolvimento de modelos institucionais tidos como “mistos” ou “integrativos” auxiliando na ampliação e disseminação da oferta de cursos universitários (SILVA *et al.*, 2017). A adoção do conceito híbrido permitiu que cursos, até então ofertados exclusivamente pelo sistema presencial, fossem ofertados também pelo sistema *on-line*, combinando dessa forma, o melhor do presencial com as facilidades do virtual (ABREU & MACHADO, 2019). No entanto, existem desvantagens, que variam desde a necessidade de uma infraestrutura especializada, até o nível de preparo dos professores para o planejamento e desenvolvimento das ações (SILVA *et al.*, 2017).

O presente estudo teve como objetivo avaliar, por meio de uma revisão crítica da literatura, a prática pedagógica híbrida desenvolvida no ensino superior brasileiro em época de pandemia do coronavírus.

## REVISÃO DA LITERATURA

Dentre as várias pesquisas realizadas com esta temática, foram empregadas na revisão da literatura aquelas que procuraram discutir o problema proposto.

Silva *et al.* (2017) analisaram como as universidades federais estão ofertando o ensino híbrido em cursos de graduação presenciais, considerando-se sua regulamentação. O estudo teve abordagem qualitativa com viés exploratório descritivo, no qual foi realizada uma análise documental das regulamentações que autorizam a oferta do ensino híbrido nas universidades federais, bem como um questionário diagnóstico. A análise dos dados indicou uma incompreensão acentuada do uso das tecnologias da informação e comunicação e de como elas podem ser apropriadas pelos cursos de graduação presenciais para fomentar a hibridização do ensino.

Abreu e Machado (2019) apresentaram proposições sobre o conceito de ensino híbrido, suas abordagens e tendências. Para os autores o ensino híbrido mescla a aprendizagem tradicional com as tecnologias digitais, personalizando o ensino para que aconteça uma aprendizagem significativa. Os autores afirmam que o ensino híbrido vem alicerçar os processos educacionais para atender os discentes e os docentes em suas necessidades específicas, implementando suas propostas no ensino superior.

Silva *et al.* (2020) avaliaram o ensino remoto mediado pelas tecnologias digitais no Brasil em tempos de COVID-19, na busca por reflexões acerca da inserção dessa estratégia de ensino em virtude da suspensão das aulas presenciais em todo o mundo. Para tanto, o método utilizado foi de natureza qualitativa do tipo bibliográfico. Os resultados mostraram que os professores, os alunos e seus familiares com a inserção da educação remota estão enfrentando muitos desafios e grandes impactos, principalmente porque as tecnologias embora estando inseridas no contexto de muitas instituições educacionais, ainda não haviam sido usadas como principal recurso didático. Aparece também como desafio o fato de muitos estudantes ainda não possuem acesso à internet, o que reflete nas desigualdades sociais entre alunos da escola pública e da escola privada. De um modo geral, a experiência de educação posta em prática durante o período de isolamento, colocou a comunidade escolar diante dilemas, entre eles: como aproveitar o potencial pedagógico das tecnologias sem excluir uma parcela da população brasileira? Como se

apresentam as relações entre ensino e aprendizagem para uma geração que já nasceu num mundo mediado pelo uso de tecnologias?

Gusso *et al.* (2020) propuseram diretrizes para orientar o trabalho de gestores universitários a avaliar e lidar com as dificuldades e as limitações impostas pela situação emergencial decorrente da pandemia, de forma a promover condições de trabalho e pedagógicas, viáveis e seguras, a professores e a estudantes. As diretrizes foram baseadas em uma concepção de ensino superior orientada para o desenvolvimento da capacidade de atuação profissional (em oposição à transmissão de conteúdo) e em variáveis que interferem no processo educacional. De acordo com os autores as variáveis com influência no processo seriam: proporção entre quantidade de computadores disponíveis e quantidade de pessoas que necessitam utilizá-los para trabalho ou estudo, repertório dos professores e estudantes para manejarem a plataforma de ensino, características do ambiente de trabalho e de estudo, tempo disponível do estudante para participar das aulas, expectativas que cada pessoa envolvida no processo de ensino e aprendizagem possui em relação a esse processo, objetivos de aprendizagem que são possíveis de serem ensinados em cada disciplina a distância, condições que os professores possuem para planejar e implementar as condições de ensino e condições que os professores possuem para avaliar a aprendizagem dos estudantes.

Bezerra (2020) descreveu o estado da arte sobre o ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em época de pandemia do Corona vírus, por meio de um estudo reflexivo consubstanciado por fontes secundárias da literatura pertinente à temática e observou que vivenciar os efeitos da pandemia de corona vírus (COVID-19) no setor educacional na formação em saúde, em especial no campo da enfermagem, vai além de uma reorganização estrutural dos cursos, pois implica em mudança atitudinal dos gestores, docentes e discentes para que reformulem as práticas de ensino (por vezes com ferramentas tradicionais), em práticas inovadoras preservando um ensino que propicie ao estudante a criticidade, reflexão, diálogo, vínculo e interação; elementos que fazem parte de uma formação que visa a transformação, o empoderamento e não apenas a transmissão do conhecimento. A autora concluiu que no ensino da enfermagem, a discussão relacionada ao uso de tecnologias remotas em sala de aula sempre foi um ponto de debate e que a necessidade da inclusão dessas ferramentas para a continuidade de aulas no formato não presencial decorrente da estratégia do isolamento social motivada pela pandemia do COVID-19, pode oportunizar a se ter um novo olhar sobre o assunto e que talvez com esse momento vivido se haja oportunidade de ampliar o debate sobre uso dessas metodologias remotas no ensino em saúde, buscando uma reflexão sobre a interação destas com os demais métodos de ensino já implementados.

Barbosa *et al.* (2020) analisaram e apresentaram os dados obtidos através de pesquisa por meio do método qualitativo, os impactos identificados e relatados pelos profissionais de educação do ensino superior, do município do Rio de Janeiro e Região Metropolitana, mediante isolamento social, sobre suas experiências do novo modelo de aula proposto pelas instituições, denominado como aula remota. Foram entrevistados, 62 profissionais em educação, dentre 52,3% eram do sexo masculino e 46,8% do feminino, sendo 52,5% do percentual apresentavam o título de mestre, 18% de doutor, 14,8 pós-doutor e 14,8 especialistas. Na amostra, 82,3% lecionavam em instituições privadas e 32,3% em públicas. Dos quais, 53% lecionavam no curso de graduação, 27% atuavam na especialização, 11% em cursos de mestrado, 5% em doutorado, e 4% do total lecionavam em cursos de capacitação. Ao serem questionados sobre utilizar metodologias ativas em suas aulas, 85,5% informaram aplicar. Quanto a conhecer o conceito de ensino híbrido, 88,7% afirmam que conhecem. E sobre a definição de aulas de acesso remoto, 87,1% responderam saber. Quanto a possuírem recursos para ministrarem as aulas em acesso remoto, 91,9% dos profissionais afirmam tê-los. Mas ao serem perguntados se receberam algum incentivo financeiro das instituições as quais lecionam, a resposta de 79% foi negativa, ou seja, não receberam. No entanto, 11,3% dos respondentes afirmam ter recebido apoio monetário de seus provedores, para melhorar suas ferramentas tecnológicas ao uso no trabalho pedagógico. Os autores acreditam que não obstante à situação dos alunos, de possivelmente se sentirem excluídos, cabe o olhar atento aos profissionais de ensino, que também podem ter o mesmo sentimento. Até porque, um percentual significativo, informaram saber apenas o conceito de ensino híbrido, mas não possuir habilidade com a ferramenta.

Scorsolini-Comin *et al.* (2020) refletiram sobre o emprego da educação a distância na graduação em enfermagem no Brasil no cenário da pandemia da COVID-19 através de um ensaio crítico por meio de reflexões ancoradas na literatura acerca da utilização da educação a distância na formação de enfermeiros(as) e dos circunscritores decorrentes da pandemia. Os autores observaram que as discussões sobre o emprego da educação a distância na formação em enfermagem no Brasil respondem a diferentes interesses educacionais, profissionais, políticos e econômicos e que no contexto da pandemia de COVID-19, a partir de 2020, tais debates têm sido potencializados em função do emprego de metodologias da educação a distância na continuidade de muitos cursos de formação, outrora exclusivamente presenciais. Além disso, concluíram que as metodologias próprias da educação a distância permitiram, em um primeiro momento, a continuidade dos processos formativos em enfermagem.

## DISCUSSÃO

A necessidade de reestruturação na forma como o conhecimento/informação é ofertada pelas IES representa um desafio atual (BARBOSA *et al.*, 2020). A suspensão das aulas presenciais levou muitas universidades a escolherem o ensino remoto como forma alternativa para prosseguir com o ano letivo (BEZERRA, 2020). Embora esta modalidade

também faça o uso de um ambiente *on-line* para o desenvolvimento das ações curriculares, ela não deve ser entendida como ensino a distância (EAD) (ABREU & MACHADO, 2019).

Com a evolução tecnológica vivenciada nos diversos níveis sociais, o espaço de ensino passou a adotar os recursos tecnológicos como estratégia didática (SILVA *et al.*, 2020). Dessa forma, barreiras foram rompidas, o que resultou na criação de um sistema educacional híbrido (SILVA *et al.*, 2017). A educação híbrida está relacionada ao ideal de que docentes e discente poderão aprender em tempos e locais diferentes (SCORSOLINI-COMIN *et al.*, 2020), algo já utilizado enquanto método no EAD. Esse novo formato de ensino surgiu com o propósito do docente empregar na sua prática pedagógica o uso das várias ferramentas, oportunizando uma visibilidade ao protagonismo do aluno, que vive virtualmente conectado (WIBUSCH & LIMA, 2018). Assim, docentes tiveram que de se adaptar a essa estratégia de ensino mediada pelo uso de tecnologias, com treinamentos incipientes (GUSSO *et al.*, 2020; BEZERRA, 2020).

A utilização do ensino remoto também trouxe indagações acerca das barreiras que seriam criadas entre os estudantes de classes mais elevadas e os mais vulneráveis (WIBUSCH & LIMA, 2018). A educação após a pandemia, deverá estar permeada por estudos que buscarão uma melhor compreensão dessa nova perspectiva (SILVA *et al.*, 2020). Cabe ainda destacar que após a pandemia haverá um maior hibridismo da educação presencial com o ensino remoto, pois cada vez mais os professores estarão preparados para o distanciamento, tendo a possibilidade factível de novas doenças coletivas futuras. Essa probabilidade nunca mais será descartada (ABREU & MACHADO, 2019).

### CONCLUSÃO

Com o estudo realizado, foi possível refletir sobre a necessidade de inovações no ensino superior e sobre o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas e seu efeito no engajamento acadêmico. O sucesso na implementação de uma prática pedagógica híbrida no ensino superior é dependente de um trabalho coletivo que envolve a participação de gestores, docentes e discentes. Além disso, esse processo deve ser dinâmico, compreender as dimensões pedagógicas, políticas, administrativas e financeiras envolvidas e não deve ser resumido apenas na inserção de recursos tecnológicos e de infraestrutura de ensino.

### REFERÊNCIAS

1. ABREU, Z.; H.; L.; MACHADO, A.; F. **Educação híbrida no ensino superior: possibilidades e tendências**. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Cultura: Interfaces da Lusofonia (pp. 615-625). Braga: CECS. 2019.
2. BARBOSA, A.; M.; VIEGAS, M.; A.; S.; BATISTA, R.; L.; N.; F.; F. **Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas**. Rev Augustus, v.25, n.51, p.255-280, jul-out. 2020.
3. BEZERRA, I.; M.; P. **Estado da arte sobre o ensino de enfermagem e os desafios do uso de tecnologias remotas em época de pandemia do coronavírus**. J Hum Growth Dev, v.30, n.1, p.141-147. 2020.
4. CHEN, S.; YANG, J.; YANG, W.; WANG, C.; BÄRNIGHAUSEN, T. **COVID-19 control in China during mass population movements at New Year**. Lancet, v.395, n.10226, p.764-766. mar. 2020.
5. GUSSO, H.; L.; ARCHER, A.; B.; LUIZ, F.; B.; SAHÃO, F.; T.; LUCA, G.; G.; HENKLAIN, M.; H.; O.; PANOSSO, M.; G.; KIENEN, N.; BELTRAMELLO, O.; GONÇALVES, V.; M. **Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária**. 2020. Disponível em: <https://osf.io/download/5f26fa8f9c9094016048916b/%3Fversion%3D1%26displayName%3D238957-Texto%2520do%2520artigo-1118040-1-15-20200713-2020-08-02T17%253A40%253A31.603Z.pdf+%&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=safari>. Acessado em: 29 ago. 2020.
6. SCORSOLINI-COMIN, F.; MELO, L.; P.; ROSSATO, L.; GAIA, R.; S.; P. **Educação a distância na formação em enfermagem: reflexões sobre a pandemia da COVID-19**. Rev Baiana Enferm, v.34, n.1, p.e36929. 2020.
7. SILVA, E.; H.; B.; NETO, J.; G.; S.; SANTOS, M.; C. **Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social**. RELAEC, v.1, n. 4, p.29-44, jul-ago. 2020
8. SILVA, M.; R.; C.; MACIEL, C.; ALONSO, K.; M. **Hibridização do ensino nos cursos de graduação presenciais das universidades federais: uma análise da regulamentação**. RBPAE, v. 33, n.1, p.95-117, jan-abr. 2017.
9. WIEBUSCH, A.; LIMA, V. M. R. **Inovações nas práticas pedagógicas no ensino superior: possibilidades para promover o engajamento acadêmico**. Educação por Escrito, v.9, n.2, p.154-169, jul-dez. 2018.
10. ZHU, N.; ZHANG, D.; WANG, W.; LI, X.; YANG, B.; SONG, J.; et al. **A novel coronavirus from patients with pneumonia in China**. N Engl J Med, v.382, n.8. p.727-33. fev. 2020.